

NARRATIVAS FABRICANTES DA *PIAUIENSIDADE*: IMAGENS DO SERTÃO E DO SERTANEJO NA LITERATURA PIAUIENSE

PIAUIENSITY MANUFACTURING NARRATIVES: IMAGES OF BACKLANDS AND THE MAN OF THE BACKLANDS IN THE PIAUIENSE LITERATURE

José Luís De Oliveira E Silva
IFPI

Resumo; O presente artigo tem como problemática geral a percepção da configuração dos discursos identitários no Piauí através das narrativas realizadas por literatos do estado no final do século XIX. Essas narrativas funcionam como os alicerces através dos quais se solidificou a crença na existência de uma *piauiensidade*, ou seja, a existência de uma essência do *ser piauiense*, este sendo confundido com o *ser sertanejo*. A compreensão dessa configuração tem como propósito ajudar na compreensão da forma como esses discursos agem na atualidade numa esfera mais ampla da cultura local.

Palavras-Chave: Discursos identitários, narrativas ficcionais, *Piauiensidade*.

Abstract: *This article presents a general discussion about the configuration of identity discourses in the state of Piauí through narratives made by state writers in the late nineteenth century. Those narratives act as the foundations through which a belief in the existence of a piauiensidade status solidified, that is, the existence of an essence of being from the Piauí state, which is confused with the sertanejo being. Understanding this configuration aims to help comprehend how such discourses act in a larger scenario of local culture nowadays.*

Keywords: *Identity discourses, fictional narratives, Piauiensidade.*

CONTEXTUALIZANDO A ESCRITA

A pesquisa que dá origem a este artigo teve como objeto de investigação o filme *Cipriano* (Douglas Machado, 2001), considerado o primeiro longa-metragem piauiense, particularmente no que diz respeito à forma como o mesmo agenciou imagens do sertão e estas, ou seus interlocutores, procuraram dialogar com a cultura piauiense. Na ocasião, abordei o Cinema a partir de aspectos mais amplos que não apenas o do filme em si, o que me obrigou a financiar uma retomada de textos literários considerados clássicos quando a questão é a busca de uma pretensa identidade cultural

piauiense. A partir desta retomada, analisei como os discursos endereçados ao fazer cinematográfico de *Cipriano* mantiveram relação com toda uma tradição literária de construção e afirmação de discursos identitários na cultura piauiense. Desse modo, a proposta desse artigo é, dentro do limite físico que lhe é posto, problematizar parte dos discursos identitários no Piauí tomando como mote as imagens do *sertão* presentes em clássicos da literatura local.

A relação entre os discursos identitários e o agenciamento imagético de elementos geográficos e naturais, assim como ocorre nacionalmente, tem se revelado como uma das tônicas da produção e da crítica cultural no Piauí. Verifica-se que, nas produções realizadas no estado, há uma longa tradição que remete às práticas instituídas por escritas literárias e historiográficas do entremeio do século XIX e XX, de tentar explicar eventos históricos e sociais da região a partir das relações estabelecidas entre os homens e o seu meio físico. Essas escritas, e suas posteriores interpretações e apropriações, possibilitaram a construção e a visibilidade do que passou a ser conhecido como *piaiensidade*. Observo que, ao fazer referência a tal nomenclatura, não comungo com a ideia de que existam características que, como traços essenciais, configurariam o caráter do ser piauiense; tampouco pretendo aceitar a *piaiensidade*, como o fazem alguns pesquisadores, como a medida dos parâmetros identitários que dão aos piauienses o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Assim me posicionando, pretendo não legitimar a ideia da possibilidade de um discurso identitário gestar um sentimento unitário no interior de uma diversidade cultural. No caso específico de identificação da *piaiensidade* com uma pretensa *sertanejidade*,¹ como o querem seus defensores, observo que tal proposta parece encontrar limites em alguns ambientes urbanos do estado, em especial na capital Teresina, que não se identificam de forma mais contundente com os elementos definidores dessa pretensa marca identitária como sendo a herança de um passado sertanejo capaz de explicar o que se imagina ser as particularidades da sociedade e da cultura piauiense.

A questão a ser investigada é: se a generalização de um modelo identitário para a cultura piauiense só é possível por meio de anacronismos e do apagamento da diversidade cultural do estado, como se institui a imagem do Piauí como espaço sertanejo? E indo além: que sertão é apresentado ao leitor nos clássicos da literatura piauiense? Entre a vasta lista de autores e obras que eu poderia lançar mão para uma análise com vistas a um melhor aprofundamento da questão, cito apenas alguns: Abdias Neves, Hermínio Castelo Branco, José Expedito Rêgo, Arthur Passos e Francisco Gil Castelo Branco. Esses literatos constituem um lugar comum na cultura local quando a questão é discutir os aspectos que marcariam a vida do piauiense e as imagens do sertão construídas por estes, a meu ver, ajudam a mapear as ideias incorporadas e divulgadas por parte significativa dos discursos vinculados à cultura piauiense.

Nesse sentido, é incisiva a apresentação feita pela então presidente da Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC, órgão ligado ao Governo do Estado, à coleção intitulada *Grandes Textos*,² lançada

¹ Ao cunhar a expressão *sertanejidade*, tenho em vista a configuração das características rurais, em especial as origens pecuaristas, que comumente são atribuídas ao Piauí e à sua cultura. Desse modo, a expressão é utilizada como síntese dos elementos que, segundo uma visão generalista, configuram o modo de vida no sertão piauiense.

² A coleção conta com dez publicações divididas entre obras de caráter ficcional, historiográfico e relatos de viagens, são elas: *O Piauí colonial* de Luiz Mott; *Descrição do sertão do Piauí* do Pe. Miguel de Carvalho; *Etnohistória indígena Piauiense* de João

em 2009, e que conta com obras dos autores anteriormente citados, à exceção de Francisco Gil Castelo Branco. Ao iniciar a leitura dos textos que compõem a coleção, o leitor se deparará com a seguinte afirmação:

A literatura exerce um papel transformador em uma sociedade. Esta transformação, realmente, se dá pelo poder de humanização e sentimento de pertencimento que o exercício literário nos oferece. Editar e reeditar importantes obras produzidas no Estado do Piauí é observar e valorizar a nossa cultura, para que livre do imediatismo do século em que vivemos, deixemos registrada, para a posteridade, a nossa trajetória de luta e processo identitário [...]. Registrar é preservar essa identidade construída a partir da comunhão de ideais distintos, mas igualitários, é manter uma cultura sempre presente. (Mendes, 2009-10)

A primeira constatação que se pode tirar dessa passagem é a defesa de uma concepção de identidade que, embora gestada historicamente, como faz supor a sua “trajetória de luta”, deve, contraditoriamente, ser protegida da ação do tempo, o que justifica a preocupação em livrá-la do “imediatismo do século em que vivemos”, mediante seu registro “para a posteridade”. Essa justificativa é mais bem compreendida se aproximada da discussão feita por Durval Muniz (2001) e Maria Amélia Alencar (2004), para quem o espaço sertanejo, a partir do processo de modernização pelo qual passava o Brasil no início do século XX, foi sendo identificado como o espaço da saudade dos tempos de criança, onde os literatos pareciam enxergar um mundo estruturado sobre referências para eles seguras e sagradas: a família patriarcal, o ritmo lento das fazendas, as brincadeiras inocentes, as relações sociais e afetivas idealizadas sob as marcas da ingenuidade. Não me parece dever-se ao acaso, que entre as temáticas que atravessam com frequência os textos selecionados pela *Coleção Grandes Textos*, as memórias e saudades dos tempos de infância sejam as mais recorrentes.

Essa mesma proposta de resguardar da ação do tempo aspectos culturais que indicariam a essência do piauiense, agora pintada com cores mais fortes, aparece na introdução do livro *Nas ribas do Gurgueia*, de Arthur Passos. Ao explicar a necessidade de registrar os contos e as narrativas folclóricas do sertão do Piauí, que ele opõe à modernidade “malévola”, Arthur Passos é incisivo:

Daí o medo de os alterar, pior ainda, de os perder ante novas e malévolas imposições resultantes de uma época já profundamente diferente. E diferente com base num industrialismo predominante em ambos os hemisférios, mancomunado com os estranhos e incrédulos regentes de empreendimentos fabulosos como o teimoso impulso invasivo dos céus, não podendo de antemão ser medido ou contado o mal que disso resultará mais hoje mais amanhã [...]. A cativante vivência do campo, de fato, há se vem dissipando como por encanto. As casas-grandes de ontem, escombros de hoje nas glebas de antigos e opulentos criadores, deixaram, pelo império das circunstâncias, o comando discricionário da impaciente gente campesina de nossos dias, afeita já ao pedal das bicicletas, estadeando ideias confusas e inquietantes. O vaqueiro tradicional de contrato implícito por cinco anos, com partilha anual e matalotagem para aparelhamento da fazenda e sustento da prole, sempre numerosa,

Gabriel Baptista; *Lira sertaneja* de Hermínio Castelo Branco; *Nas ribas do Gurgueia* de Arthur Passos; *Chão de meu Deus* de Fontes Ibiapina; *A tragédia ocular de Machado de Assis* de Hermínio Conde; *Vaqueiro e Visconde* de José Expedito Rego; *Aspectos do Piauí* de Abdias Neves e *Cronologia histórica do Piauí* de Francisco Pereira da Costa.

por sua vez por muito desapareceu [...]. O caminhão aventureiro invadiu o sertão nos mais remotos recantos [...]. O jipe, adaptado ao meio, roda sem cessar [...], e o avião, maculando o azul do firmamento, desvirtua costumes embevecetes, ruminado em sossegada unção há bem mais de dois séculos. (PASSOS, 2009, p. 15-17)

Na narrativa de Arthur Passos, no mesmo instante em que ele explica a legitimidade e urgência de iniciativas e trabalhos como o seu, vai se delineando os significados para o sertão, o sertanejo e o confundir dessas categorias com o Piauí e o piauiense. O sertão que Arthur quer conservar – na verdade, ele vê essa conservação como uma necessidade, pois, à beira de uma hecatombe mundial, provocada por armas de destruição em massa, a única solução seria “voltar [...] aos rincões interioranos, aos hábitos dos tempos primitivos” (PASSOS, 2009, p.17). –, é o sertão que não combina com a modernidade e a modernização.³ Desse modo, acabam sendo valorizados, sem uma ação crítica mais apurada, os elementos símbolos de opressão do homem do campo como a casa-grande ou o sistema de emprego informal, os quais a historiografia há muito apontou como responsáveis pelas condições subumanas do vaqueiro e da sua família.

Não parece coincidência que entre as semelhanças a unir os livros publicados na já citada coleção, duas se mostram mais visíveis: primeiro, o fato de todos os livros, independente de serem obras historiográficas, relatos de viagens ou ficcionais, tratarem de temáticas consideradas fundadoras do Piauí e da sua gente. Daí se origina o apelo ao sentido de pertencimento que essas obras desencadeariam em seus leitores. Segundo, as temáticas estão relacionadas à vida sertaneja e ao papel da natureza na constituição sociocultural do piauiense.

Durante a pesquisa, pude observar a existência de discursos, frequentemente publicados nos meios de comunicação local, que relacionavam a iniciativa de se produzir um filme como *Cipriano* à necessidade de se conhecer, valorizar e, sobretudo, registrar e preservar para a posteridade o que se acreditava como os traços culturais definidores da identidade sertaneja piauiense e que já sofriam a ameaça de desaparecimento por conta do processo de globalização e homogeneização pelo qual passaria a cultura local. Esses discursos, além de questões identitárias, foram responsáveis por uma tentativa de agenciar os sentimentos de autoestima e, em muitos casos, de ressentimento entre os leitores piauienses.

O SERTÃO COMO O FARDO FUNDADOR DA *PIAUIENSIDADE*: O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA ESCRITA DA INTELLECTUALIDADE PIAUIENSE

Abdias Neves,⁴ usando da sua habilidade com a escrita e o espaço que conquistou no âmbito do

³ Os termos são usados, respectivamente, para designar mudanças na esfera político-cultural e nas tecnologias de produção, transporte e comunicação. Essas mudanças envolveriam “uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes”, o que dificultaria a manutenção da ideia de continuidade histórica sob a ótica de existência de uma cadeia evolutiva. (HARVEY, 1992, p. 22).

⁴ Abdias da Costa Neves (1876-1928) formou-se bacharel em Direito pela Escola de Direito do Recife (1898) e exerceu vários cargos na política (Senador) e no emprego público (Juiz Distrital, Juiz Federal, Professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal, Secretário de Governo, Procurador Fiscal da Fazenda) tanto em nível estadual quanto federal. Além

poder público piauiense, é responsável, segundo o historiador Paulo Gutemberg (2010), por construir o mito fundador da *piaiensidade* e as bases do que viriam a ser as principais referências temáticas da historiografia produzida no estado. Na narrativa de Abdias, o sertão e o que seria sua marca natural, a seca, se transformam em elementos catalisadores da vida no local: em dois dos seus principais livros – *A guerra do Fidié* (1907) e *O Piauí na Confederação do Equador* (1921) – são as calamidades trazidas pela estiagem que justificam a entrada do Piauí na história do Brasil, respectivamente, por meio da adesão às lutas pela independência e ao ideal de separatismo no Nordeste.

Escrevendo à luz de seu tempo, Abdias Neves teve o seu pensamento marcado por “noções recorrentes de que história e natureza, homem e meio, formam um todo indivisível”, o que, por sua vez, permitiu ao literato dotar suas personagens da “roteirização segura da vida coletiva [com a] invenção e a atribuição de sentidos ao social e às práticas individuais” (QUEIROZ In: SOUSA, 2010, p. 16-17). Um bom exemplo é quando o autor, buscando singularizar a índole do piauiense em oposição à do cearense, aloca a questão em termos de moldagem da personalidade desses sujeitos em relação ao meio em que vivem. Ao buscar explicar o porquê da não fuga do piauiense, uma vez detectada a sua inferioridade bélica em relação às tropas portuguesas no episódio das lutas pela independência brasileira no Piauí, Abdias não poderia ser mais determinista. A reflexão institui os temas e abordagens mais discutidos pela historiografia e cultura local:

E se poderia manter alguma disciplina é porque os piauienses constituíam a quase totalidade das tropas, e não tinham, como não têm, o temperamento ardoroso e irrequieto que é a feição característica do cearense. O piauiense é um tipo essencialmente firme nas convicções, constante nos hábitos, moderado nos impulsos. Não é reformador, nem sofre arrebatamentos. É um reflexo do meio. O Piauí, com efeito, nada oferece de notável em seu aspecto físico: as terras, baixas, correm sem um relevo orográfico de importância. Não mostra nem variações bruscas de paisagem, nem alternativas frequentes de matas e várzeas: quase sem interrupção se escondem as chapadas, monótonas na sua uniformidade, eternamente as mesmas, com uma vegetação raquítica, aberta e inconstante, que se estende até onde o olhar se cansa e tudo se confunde num cinto escuro que aperta o horizonte [...]. Tudo aqui é uniforme [...]. Montesquieu já dizia que o calor define o corpo e entorpece a vontade: é certo. Ele entorpeceu a vontade do nosso sertanejo, fê-lo fraco ao querer, e tardo ao agir. E como as suas necessidades foram prontamente satisfeitas, desde que encontrava ao alcance da mão o gado, as frutas, a caça e a pesca de que se alimentava e se alimenta; como se vestia e se veste de algodão grosseiro e do couro curtido dos veados; como de nada mais necessitava, foi recuando cada vez mais o horizonte das ambições e perdendo o espírito de iniciativa. A necessidade é que faz a função, esta faz o órgão. Não tinham os nossos matutos necessidade de trabalhar: ficaram indolentes. Não tinham que se fazer empreendedores, uma vez que tudo obtinham sem esforço: perderam a iniciativa. A concorrência na luta pela vida era insignificante; não tinham que disputar ferozmente a sua cota: tornam-se passivos. (NEVES, 2006, p. 263-265)

de membro do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Sempre lembrado por seu envolvimento com o movimento maçônico e anticlerical, foi redator e colaborador de algumas dezenas de periódicos. (BASTOS, 1994, p. 394).

Uma leitura atenta do texto aponta que se trata de uma visão negativa da geografia e da natureza do estado, pois até o que seriam as suas benesses – a abundância de frutos, pastos, caças e pescados – acarretariam consequências negativas para a modelagem da personalidade de seus habitantes. Imagem igualmente negativa é construída para os sertanejos: ele é firme nas convicções e moderado nos impulsos em razão do ambiente do qual é fruto; a uniformidade da natureza contamina a sua personalidade. Uma geografia monótona, aliada a uma vegetação raquítica e a um calor entorpecedor, faria com que o sertanejo piauiense se transformasse num homem fraco, sem ambições, indolente e passivo. Essa força destrutiva do meio atingiria até mesmo o animal transplantado para as terras do sertão e que posteriormente se tornaria seu símbolo:

O boi é um animal triste. Seu olhar condensa sombras de infinitas amarguras e de supremas fadigas. De todo ele se volta à tristeza do seu tremendo destino, todo ele verga ao cansaço de séculos. E, por isso, seguindo-o, ainda, sempre, uma dolente que se comunica à terra e ao homem. (NEVES, 2006, p. 266)

Nem mesmo o vaqueiro e a sonoridade de seu aboio, símbolos da liberdade e da força creditada ao sertanejo entre as suas mais positivas idealizações, escapam do destino que lhe reserva o convívio há gerações com as terras do sertão do Piauí:

O vaqueiro participa dessa tristeza. É uma melopeia extravagante e dolorosa o canto com que ele guia as reses nas longas caminhadas, canto que o gado escuta e se embriaga, cedendo ao seu poder, deixando-se arrastar sob a sugestão daquela música selvagem, impressionante e enternecedora – mesmo para os que estão habituados a ouvi-la. A tristeza fez dele um contemplativo, matou-lhe os últimos impulsos da iniciativa. Foi assim que o sertanejo se tornou conservador: vivendo, sempre, a mesma vida de indolência, sem necessidade de reformar os processos da criação, mantendo os mesmos hábitos – transmitidos pela herança e pouco a pouco fixados [...]. E, assim, hoje, como há duzentos anos, é um tipo rotineiro e pacífico, incapaz da tentativa de uma reforma, ou da audácia de uma reação. (NEVES, 2006, p. 266)

A ênfase na escrita de Abdias Neves se justifica pelo fato de este escritor ter construído e, ao mesmo tempo, ter se deixado influenciar, pelas bases conceituais de muitos dos discursos que estruturaram as narrativas historiográficas e ficcionais que pensaram o Piauí. É importante ressaltar que a herança deixada por Abdias não se expressa na adoção de determinismos geográficos ingênuos, mas sim, como aponta Paulo Gutemberg (2010, p 30), na incorporação da sua mais importante tese: a de que a formação histórica da comunidade piauiense foi marcada pela atividade pecuarista em sua interação com o meio e pelo esquecimento dos poderes do Estado, seja este Colonial, Imperial ou Republicano. Os mais importantes desdobramentos dessa tese e esses ainda recorrentes entre a intelectualidade piauiense é a projeção da cultura sertaneja como marca identitária do estado e a retórica do “abandono-isolamento-atraso” da qual se acredita ser vítima o Piauí.

Outro ponto de ressonância na escrita de Abdias e que reverbera, ainda hoje, em parte significativa da produção cultural no estado e mesmo nas imagens construídas de fora sobre ele, é o processo de identificação do piauiense com o sertanejo. Sagaz em seu *metier*, o literato, ao mesmo

tempo em que estabelece as marcas singulares do ser piauiense cria uma oposição entre estes e os “outros”, no caso, os cearenses. Identificando-se como não filho do Ceará, o leitor em potencial, pela primeira vez durante a leitura, deve se identificar como piauiense. Conclui-se que o processo de gestação do sentimento de pertencimento e identificação com uma comunidade passa, primeiramente, pelo não pertencimento e não identificação com aqueles nascidos em outro local. Voltando-se para o que seriam as características do lugar, Abdias tem caminho aberto para construir os argumentos que darão existência à sua narrativa dos mitos fundadores da *piuiensidade*.

Esses mitos fundadores dos quais Abdias Neves foi um dos seus inventores e propagadores, parecem se manter presente – ainda que muitas vezes disfarçado sob uma nova roupagem – em praticamente todas as discussões travadas no Piauí acerca do que seriam as marcas da sua identidade cultural. O que não é de se estranhar, haja vista a estreita relação entre a elaboração e manutenção dos mitos fundadores de um povo e a construção de uma concepção particular de identidade. Stuart Hall explica essa relação:

[...] possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’ [...]. Os mitos fundadores são, por definição, transitórios: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente a-históricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio. (HALL, 2003, p. 29)

Sinalizando compreender que as identidades são forjadas em práticas discursivas que invocam uma origem “que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência” (HALL, In: SILVA, 2009, p. 108-109), Abdias encontra na força do meio físico, na vida sertaneja e na atividade pecuarista os elementos naturais e históricos fora dos quais parecia impossível pensar o Piauí, a sua cultura e os seus habitantes. Quanto à crença na herança sertaneja e pecuarista como delimitadora da cultura local, destaco o depoimento de João Claudio Moreno,⁵ colhido de um dos documentários de Douglas Machado. Sentado numa antiga e simbólica cadeira de balanço, tendo no colo alguns livros e, ao lado, uma grande estante com dezenas de outros – que lhe reveste com ares de intelectualidade e legitimação do seu lugar de fala –, João Cláudio tece uma crítica ao estilo de um dos mais prestigiados poetas do estado, H. Dobal, tendo como suporte explicativo o que ele indica como as origens do povo piauiense:

Quem tiver a sensibilidade de ver, fará um percurso sentimental e profundo nas entranhas de sua piauiensidade e vai descobrir que no Piauí quem não é vaqueiro,

⁵ João Claudio Moreno é um conhecido humorista local e, nos últimos anos, teve a sua imagem ligada à ideia de produtor cultural e propagandista-defensor da cultura e da tradição sertaneja, tanto que é figura sempre lembrada e autorizada para falar de personagens como Luiz Gonzaga. O seu despontar em programas televisivos de repercussão nacional como *Chico Total* e em entrevistas com Jô Soares e Fausto Silva, além do sucesso em show humorista intitulado *Um piauiense no Rio de Janeiro*, estrelado por ele mesmo na capital carioca, fez a sua popularidade e aceitação no estado crescer a ponto de se eleger vereador em Teresina pelo Partido Comunista.

o pai foi vaqueiro, o avô foi vaqueiro, o bisavô foi vaqueiro. Vai ver que há uma cadência no aboio que se identifica na forma como Dobal constrói sua [aqui ele solta um longo aboio *ôôôôôôôôôôôôôôôô...úúúúúú!*], aquele grito perdido nos tabuleiros piauienses. (MORENO. In H. DOBAL – um homem particular. Douglas Machado, 2002)

Para além de uma clara, quase caricata, relação estabelecida entre todos os piauienses e a cultura que se construiu em torno do gado, o que me parece estar em jogo na afirmação de João Claudio seria a crença na impossibilidade de se construir qualquer entendimento da cultura local que não esteja atrelada a um passado comum. Nesse sentido, o comediante parece não estar sozinho. Outros personagens reconhecidos no meio cultural piauiense e teresinense acabam por reforçá-la, ao atribuir ao nordestino e ao piauiense uma veia artística, fruto das dificuldades impostas à sua sobrevivência.

Como explica Durval Muniz (2001, p. 107), entremeadas entre os novos discursos regionalistas, as críticas culturais construídas sob esse viés acabam por ditar normas para a produção e interpretação de obras, tendo como foco a possibilidade de “tomar o regional como um referencial legítimo para se pensar a literatura [ou a produção cultural em sentido mais amplo] brasileira” e vincular a produção cultural aos espaços aos quais estaria diretamente relacionada.

Retomando a análise do agenciamento do discurso geográfico para a formulação do tipo piauiense feito por Abdias Neves é curioso, e até certo ponto contraditório, o fato de que à mesma época em que o literato escreveu a maior parte de seus textos, nos quais prevalecem imagens negativas da natureza e do povo piauiense, foi realizado um concurso, financiado pelo Governo do Estado, para a escolha do novo Hino do Piauí. O concurso teve como pano de fundo motivador as comemorações do centenário da independência do Brasil e das lutas travadas no Piauí. Composta pelo poeta Antônio Francisco da Costa e Silva⁶ e musicada por Firmina Sobreira Cardoso e Leopoldo Damascena Ferreira, a canção vencedora da disputa foi adotada como Hino Estadual pela Lei nº 1.078 de 18 de julho de 1923. Nela, observa-se, mais uma vez, a demarcação da natureza como definidora da vida e da história do Piauí:

Salve! terra que aos céus arrebatas
Nossas almas nos dons que possuis:
A esperança nos verdes das matas,
A saudade nas serras azuis.
Piauí, terra querida,
Filha do sol do equador,
Pertencem-te a nossa vida,
Nosso sonho, nosso amor!
As águas do Parnaíba,
Rio abaixo, rio arriba,
Espalhem pelo sertão
E levem pelas quebradas,
Pelas várzeas e chapadas,

⁶ Antônio Francisco da Costa e Silva (1885-1950), bacharel em Direito pela Escola do Recife (1913), teve sua vida, em certo sentido, parecida com a de Abdias Neves: intelectual reconhecido pela habilidade da escrita, exerceu vários cargos no poder público e colaborou com dezenas de periódicos no Piauí e em outros estados. (BASTOS, 1994, p. 537)

Teu canto de exaltação!
Desbravando-te os campos distantes
Na missão do trabalho e da paz,
A aventura de dois bandeirantes
A semente da Pátria nos traz.
[...]
Sob o céu de imortal claridade,
Nosso sangue vertemos por ti,
Vendo a Pátria pedir liberdade,
O primeiro que luta é o Piauí.
[...]
Possas tu, no trabalho fecundo
E com fé, fazer sempre melhor,
Para que, no concerto do mundo,
O Brasil seja ainda maior.
[...]
Possas Tu, conservando a pureza
Do teu povo leal, progredir,
Envolvendo na mesma grandeza
O passado, o presente e o porvir.

As imagens e referências utilizadas para falar do Piauí e do seu povo aparecem em escritos da época, ou mesmo anteriores. A mudança significativa ocorrerá em relação à forma como essas referências são agenciadas, agora, de forma a criar um sentimento valorativo para a natureza, o povo e a história regional. No hino, vê-se a identificação do território como sendo um espaço sertanejo marcado pela força do sol (é terra “Filha do sol do equador”, que se espalha “pelo sertão, quebradas, várzeas e chapadas”, sob um céu “de imortal claridade”) e detentor de belezas ímpares (os “verdes das matas” e as “serras azuis”). Acompanham essas imagens da natureza os estereótipos positivos que falam do seu povo e da sua história (um povo marcado pela “fé”, “pureza” e “lealdade”) e do histórico de relações igualmente positivas com a pátria (a sua origem no desbravamento dos campos distantes feita pela “aventura de dois bandeirantes” que a “semente da Pátria nos traz”, ou quando a pátria pedir liberdade terá a certeza de que “o primeiro que luta é o Piauí”).

Na forma de uma conclusão provisória e circunscrita à problemática de como os discursos identitários no Piauí se coadunam com as narrativas que põem em evidência aspectos da natureza, fica a sensação de que na cultura local, guardadas as devidas diferenciações motivadas pela distância temporal que separa os discursos analisados, há uma continuidade entre estes enunciados sob, pelo menos, dois aspectos: a estreita relação entre a formação do povo piauiense e o ambiente que o circunda e o caráter determinante da cultura em torno da atividade pecuarista para o desenvolvimento da cultura do estado.

O SERTÃO NAS NARRATIVAS FUNDADORAS DA *PIAUIENSIDADE*: A IDEALIZAÇÃO DO TIPO SERTANEJO

Se nos discursos dos bacharéis⁷ piauienses as imagens do sertão transitam entre a positividade e a negatividade, na literatura ficcional há um visível predomínio de uma postura de sua positividade. Essa atitude, curiosamente, não se deve à mudança das cenas, situações ou personagens apresentadas como típicas do universo sertanejo mas, tão-somente, à forma como estas são arroladas na narrativa. Em outras palavras, o sertão das narrativas ficcionais piauienses continua sendo aquele que personificaria o espaço antimoderno por excelência; entretanto, essa antimodernidade é interpretada como a responsável por gestar e resguardar o que seria a essência do ser piauiense.

Diversas pesquisas tiveram como foco essa produção; todavia, a maioria delas tem como mote outras problemáticas que não as formas como são apresentadas as imagens do sertão e, entre aquelas que o fazem, tem-se observado a recorrência de um equívoco que considero crasso: a tomada do texto literário como suporte para exemplificar e comprovar as singularidades de uma idealizada cultura sertaneja piauiense. Como alternativa a esta postura, considero oportuno questionar o quanto essas narrativas são responsáveis pela construção de um lugar de fala para o sertão e como elas ajudam a compor imagens que tornam visível o que se acredita ser o Piauí e seu povo. Um bom exemplo da forma como a maioria dessas pesquisas tem sido realizadas é o livro *A representação da seca na narrativa piauiense: século XIX e XX*, de Raimunda Celestina Mendes da Silva. As ressalvas quanto à proposta e às conclusões do livro podem ser assinaladas já no seu título: existe de fato um grupo suficientemente homogêneo de escritas às quais poderíamos singularizar sob a nomenclatura de “narrativa piauiense”? Se a resposta fosse positiva, proporíamos outra questão: o que constitui a marca dessa narrativa? A resposta da autora aparece já no título: a seca.

É curioso como a crítica literária e historiográfica feita por Raimunda Celestina endossa e legitima as imagens que as obras por ela estudadas tentam construir. Na verdade, a pesquisadora amplia a sua interpretação ao ponto de indexar na literatura observada, sentidos que, provavelmente, só poderiam ser considerados com certo esforço de imaginação. Dito de outro modo: quando a pesquisadora foca sua análise no papel da seca nos textos que ela seleciona – *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco; *Um Manicaca* de Abdias Neves; *Vida Gemida em Sambambaia* de Fontes Ibiapina e *Maria, valei-me* de José Wellington B. de A. Dias – acaba por erigir junto ao leitor (provavelmente já receptivo à estereotípia que enxerga o Piauí sob o estigma da estiagem) a sensação de que os escritos têm como temática e personagem central a seca, o que não me parece ser adequado.

É importante lembrar que não se trata de questionar a existência da seca enquanto fenômeno

⁷ Os termos *bacharéis* e *literatos*, amplamente utilizados na historiografia piauiense, remetem a um vasto grupo de indivíduos – em sua maioria, filhos de ricas famílias locais graduados na Faculdade de Direito do Recife – que tiveram atuação marcante na esfera pública entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX. Segundo a historiadora Teresinha Queiroz, uma das pioneiras em pesquisas sobre esse grupo, “um perfil dos bacharéis piauienses nesse período apresenta-os como um grupo de ampla presença social e de inegável envolvimento político. Sua atuação pode ser observada nas mais diversas instâncias: na educação, na imprensa, na administração pública, na justiça, no lazer, na literatura [...]. A posição participativa assumida na sociedade pelos bacharéis-literatos era intensa. Entretanto, deve ser lembrado que, a despeito da formação comum, manifestavam-se no seio do grupo discordâncias e cisões que se expressavam ao nível das ideias e se concretizavam na atuação política e profissional.” (QUEIROZ, 1998, p. 13-14).

climático e as consequências advindas para o sertanejo piauiense, mas de perceber como, sem um questionamento mais estruturado, a estiagem foi incorporada pela literatura e legitimada pelo discurso acadêmico, como o elemento central na constituição do que se acredita ser a *piauiensidade*. Vejamos como a própria autora inicia seu livro potencializando essa ideia:

O Nordeste, região em que frequentemente falta chuva, pois ou ela chega atrasada, ou vem fora do tempo, constitui-se em território no qual o agricultor passa fome, os animais morrem e, quando as possibilidades de sobrevivência se esgotam em suas terras e os homens perdem a esperança nos santos milagreiros, partem para outros lugares, em busca de melhores condições de vida. Desse modo, instala-se o quadro da seca que, segundo os jornais, desde 1877, alterna ciclos de períodos chuvosos e não-chuvosos, os quais marcam a vida do homem do sertão piauiense. A seca, por ser constante na vida do povo nordestino, tornou-se tema recorrente na literatura regional e constantemente frequenta os textos de alguns escritores da terra, marcando de forma peculiar o discurso narrativo ao longo da História, como se acompanhasse as variações de clima e sucessão da seca na região. (SILVA, 2005, p. 16)

Algumas tomadas de posicionamento da pesquisadora são recorrentes na obra de outros autores: o uso dos termos Nordeste, sertão e Piauí como sinônimos e a construção do espaço sertanejo sob o estigma da morte pela fome, da religiosidade fatalista e da eterna emigração. O mais importante, para compor uma espécie de painel do discurso regionalista na cultura piauiense, é que, muito próximo do que fez João Claudio Moreno, ao atribuir à construção narrativa do poeta H. Dobal uma herança no aboio do vaqueiro, Raimunda Celestina reforça a tese de que a seca interfere diretamente no estilo narrativo dos literatos por ela estudados. Ademais, Raimunda afirma que a periodização histórica do que ela chama de literatura piauiense acompanha “as variações de clima e sucessão da seca na região” e essa postura mantém diálogo com a ideia de que uma obra, necessariamente, espelhará o seu meio.

Nesse passo, a proposta e os resultados apontados por Raimunda Celestina parecem ter sido referendados por seus leitores; afinal, nada parece mais passível de aceitação com *status* de verossimilhança do que um discurso que analisa determinada obra, procurando ver uma relação de causa e efeito entre o produto e o lugar onde é produzido:

As narrativas piauienses que desenvolvem a temática da seca permitem refletir [...] e apontam para o imaginário coletivo no qual a ascensão social e a melhoria de vida integram a formação do homem nordestino. Essas narrativas também permitem a concepção epistemológica de mundo, de homem, de natureza, que o sertanejo possui e transfere para o outro através de sua postura diante da vida. [...] a autora pôde perceber como se revelam a identidade e a subjetividade do homem num determinado tempo histórico e lugar social. No caso específico o sertanejo que vive no interior do Piauí [...]. O registro dessa investigação constitui-se em trabalho que revela a verdade histórica, única, pronta e acabada de diferentes momentos da história da seca no Piauí. (REMÉDIOS In: SILVA, 2005 p. 10-11)

O primeiro aspecto que merece uma reflexão mais acurada em relação à literatura piauiense que aborda temáticas ligadas ao sertão é o seu aparente ponto de inflexão com o novo modelo de regionalismo que surge nas décadas iniciais do século XX. Atentos às disputas e querelas que marcaram

a construção de muitas nações ocidentais entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX – o Brasil foi uma delas – literatos piauienses, em especial aqueles apontados anteriormente como os principais para o desenvolvimento dos meus argumentos, passam a se preocupar com a singularização do Piauí em relação às outras províncias e estados do país. O primeiro elemento de singularização foi a oposição litoral x sertão, via do qual o Piauí foi identificado com este último (SOUSA, 2010).

As imagens cristalizadas pela literatura nacional acerca do sertão e do sertanejo passam a estruturar a construção imagética do Piauí e a singularizá-lo em relação às demais regiões do país. Isso acontece, como observou Alcebíades Filho, através do:

[...] esforço para suturar as identidades e a existência dos sujeitos presos à terra, ao lugar, formando uma região e, em seu lastro, uma piauiensidade fixa. Esta piauiensidade, por sua vez, seria condicionada pela vida no campo, pela relação dos sujeitos com uma natureza quase intocada, que precisa ser protegida de qualquer contágio modernizante que a desagregasse com as atividades rurais, elementos que entram na tessitura das próprias subjetividades. (FILHO, 2010, p. 132)

É assim, misturando o discurso historiográfico ao geográfico, que a imaginação literária contribui para a construção de um parâmetro reconhecível para uma região e o seu povo. O maior custo desse processo talvez tenha sido a homogeneidade com a qual esse padrão foi delineado, construindo lugares comuns presentes nas imagens do sertão piauiense: o vaqueiro, o sertão em oposição à cidade, a religiosidade, e a ruralidade como espaço construído na saudade. Esses lugares comuns parecem extrapolar a esfera literária, delineando a visão de mundo e estruturando as ações práticas de realizadores culturais, formadores de opinião e agentes políticos no Piauí.

BIBLIOGRAFIAS E FONTES

Filmes e documentários

CIPRIANO. Direção e roteiro: Douglas Machado. Brasil, 2001. DVD (71 min.)

H. DOBAL – um homem particular. Direção: Douglas Machado. Brasil, 2002. Documentário. DVD (66 min.).

Livros e artigos

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. *Viola que conta histórias: o sertão na música popular urbana*. 2004. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2004.

BASTOS, Cláudio. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: FCMC, 1994.

FILHO, Alcebíades Costa. *A geração de Crispim: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade*. 2010. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 2010.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora – reflexões sobre a terra do exterior. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

MENDES, Sônia Maria Dias. Apresentação. Coleção Grandes Textos. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2009-2010.

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: FUNDAPI, 2006.

PASSOS, Arthur. *Nas ribas do Gurgueia*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2009, v. 5. Coleção Grandes Textos.

_____. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: UFPI, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. O mundo como História. Prefácio. In: SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. In: SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.

José Luís de Oliveira e Silva

Licenciado em História pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista e Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás.

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. Atualmente desenvolve pesquisas que envolvem História, Ensino e linguagens, em especial a cinematográfica, com concentração nos estudos imagéticos do sertão. E-mail: joseluis@ifpi.edu.br

Enviado em 20/01/2019.

Aceito em 30/05/2019.